

Texto extraído dos cursos ministrados aos domingos por Dr. Roberto Assagioli no Instituto di Psicossíntesi, Florença. Tradução Livre: Centro de Psicossíntese de São Paulo, agosto/2017.

Lição 04.1968

PARA CONSEGUIR, SABER QUERER: A direção da execução

Dr. Roberto Assagioli

Recordemos brevemente os estágios da ação volitiva.

1. Propósito, meta, baseados em avaliações e motivações,
2. Deliberação,
3. Escolha e decisão,
4. Afirmção, comando, faça-se à vontade,
5. Planejamento e programação,
6. Direção da execução.

O exame deste último estágio da ação volitiva deixa bem claro o erro fundamental que é geralmente cometido no uso da vontade e que é baseado em uma concepção errônea da sua natureza e do seu modo de agir. Considera-se e tenta-se agir, executar, mediante um esforço, uma imposição da vontade sobre os órgãos de ações, ao contrario a tarefa da vontade é de dirigir a execução, isto é colocar em ação os meios necessários e oportunos para obtenção dos fins que se propôs. Desta técnica da execução falei tratando da “Vontade sabia” nas aulas VIII e IX do curso de 1963. Agora retomarei o tema com algumas modificações, acrescidas e desenvolvidas.

Recordarei acima de tudo a analogia entre atividade volitiva e a do condutor de um automóvel. O esforço dirigido da vontade é semelhante ao que faria um motorista que procurasse mover o automóvel empurrando-o com a força dos músculos das costas! O absurdo de tal atitude é evidente, não obstante igualmente errada é a imposição da vontade para agir.

Examinemos o que faz um motorista de um automóvel e suponhamos que ele seja o próprio proprietário. Ele faz, sobretudo o que corresponde aos estágios descritos anteriormente: primeiro escolhe onde chegar e o faz baseado em suas motivações; depois

decide alcançar aquela meta e também o ponto de partida; depois disto estuda o percurso para chegar e faz um programa preciso de viagem.

A tudo isto segue o estágio do qual nos ocupamos hoje: a direção da execução.

Ela se subdivide em duas partes. A primeira é colocar em funcionamento o carro; é necessário providenciar o que é preciso ao seu funcionamento: encher os reservatórios de gasolina e água, colocar o lubrificante necessário para um bom funcionamento das engrenagens, carregar as baterias, e etc. Tudo isto corresponde ao trabalho preparatório da psicossíntese, isto é desenvolver e tornar eficientes as sete funções psíquicas; sensação; emoção-sentimento; imaginação; impulso e desejo; pensamento; intuição; vontade. Incluí a vontade, porque o eu consciente pode e deve, antes de qualquer coisa, suscitar e desenvolver a própria vontade, usando a quota de vontade que já possui; pois é possível usar a vontade para desenvolver as outras funções da psique.

Agora o carro está pronto para partir, o motorista senta-se comodamente em seu posto e coloca o carro em movimento, regulando quando necessário seu funcionamento e parte para a direção desejada. Durante o trajeto o motorista dirige o carro de modo a evitar os obstáculos, decidir adequadamente e de forma prudente fazer as ultrapassagens, e virar na direção desejada. Isto, a princípio, pede a máxima atenção consciente, mas pouco a pouco ele torna-se hábil em conduzir o carro, não sendo necessário que a atenção se volte toda voltada para isto; basta uma parte pouco menor, uma vez que a execução se torna pouco a pouco inconsciente. Diz-se que é feita como de costume automaticamente: esta é uma expressão não exata, porque o automatismo é algo fixo, rígido, enquanto aqui trata-se de uma ação inteligente, modificada continuamente pelas informações recebidas pela visão e audição.

Psicologicamente isto corresponde a colocar em ação as varias funções psíquicas e dirigir o funcionamento, e também neste caso passa-se gradualmente do estágio de plena atenção consciente para o estágio sempre maior da atuação inconsciente, isto é, sem a intervenção dirigida do eu consciente. Isto torna-se evidente na aprendizagem de uma atividade técnica, por exemplo, no aprender a tocar um instrumento musical. No principio é necessário plena atenção e direção ativa e consciente; depois pouco a pouco chega-se a formação dos chamados mecanismos de ação, isto é, novas vias nervosas e musculares, chegando-se ao ponto no qual o pianista, por exemplo, não tem mais necessidade de prestar atenção consciente na mecânica da execução movendo os dedos da maneira desejada. Podendo então prestar sua atenção à qualidade da execução, à expressão emotiva e estética da peça que está tocando.

Examinemos de forma concreta de quais formas a vontade pode dirigir a atividade de cada uma das funções, porém antes de abandonar a analogia do motorista do automóvel,

considero oportuno falar do problema geral, do qual ela é um caso particular, e que agora é objeto de apaixonadas discussões: a justa relação entre o homem e a máquina. A enorme, rapidíssima divulgação da construção e do uso das máquinas está produzindo mudanças radicais no nosso modo de viver: a chamada revolução tecnológica.

A esse respeito existem comportamentos e avaliações muito diferentes. Examinemos sobretudo as posições extremas.

Uma é a do entusiasmo chegando ao fanatismo pela máquina; procura-se desenvolver ao máximo a automação, construir robôs, com os quais se tenta substituir o mais possível as atividades psíquicas do homem mediante a cibernética teórica e prática.

A outra posição extrema é a negativa, a aversão baseada no reconhecimento dos danos e perigos aos quais pode levar o uso excessivo das máquinas: a subordinação do homem à máquina, sua desumanização crescente.

Assim pode-se chegar a recusa total da máquina. Recordarei dois exemplos bem conhecidos.

O primeiro é o de Thoreau que não quis participar do mecanismo da engrenagem vinculante e opressora da vida social e retirou-se à vida solitária em uma floresta construindo para si uma casa primitiva. Suas ideias e suas experiências foram por ele expostas no livro Walden que dada a capacidade intelectual e moral de Thoreau, merece ser lido mesmo que não se compartilhe com a posição antissocial do autor.

Outro exemplo é o de Gandhi, que tentou induzir os indianos a não fazer uso das máquinas, principalmente das máquinas têxteis, substituindo-as por tecelagem a mão, mediante os métodos antigos utilizados na Índia. Esta tentativa frustrou-se, uma vez que não se pode retroceder nos tempos; na verdade o grande discípulo de Gandhi, Pandit Nehru, não só teve de abandonar a tentativa, mas teve que reconhecer a necessidade de promover ativamente o desenvolvimento industrial da Índia. Este nobre erro de Gandhi é um claro exemplo de que não bastam boas intenções, os movimentos elevados inspirados em princípios espirituais, para tomar decisões corretas e passíveis de atingir o sucesso.

Para decidir bem (como eu disse quando mencionei aquele estagio) é necessário se dar conta não somente dos movimentos, mas das condições realistas da situação e então das possibilidades de uma escolha, inserindo-a em toda a situação geral e prevendo, o quanto possível, os resultados da própria decisão. Isto se pode aplicar em geral a todos aqueles que tomam uma atitude de recusa total da civilização moderna: dos intelectuais, como Guénon, aos atuais grupos de jovens rebeldes, que, no seu bem justificado anseio de uma

renovação radical, tentando destruir tudo, sem ter claro as metas e os programas de reconstrução (aqui teria muito a dizer, mas não posso fazê-lo agora).

Retornando ao problema específico do homem e da máquina e deixando de lado as posições extremas acima mencionadas, pode-se dizer que também aqui se trata fundamentalmente de estabelecer justas relações e proporções entre fins e meios. Os meios, sejam internos e psicológicos, sejam externos e práticos, são acolhidos, apreciados e usados, escolhendo aqueles mais adequados e produtivos. Por outro lado, é necessária uma vigilância muito atenta, uma vontade sempre forte e zelosa, para não ser dominada pelos meios, para evitar que eles nos “peguem pela mão”, por assim dizer.

Também a este respeito, a analogia entre o motorista e o automóvel é esclarecedora. A verdadeira apreciação e uso de um automóvel é de usá-lo de modo que nos permita chegar, rápida e comodamente, ao local desejado, seja por razões de trabalho, seja com objetivo de diversão e férias. Isto implica usar o carro somente para estas finalidades e de modo equilibrado e prudente, com uma velocidade adequada ao estado das estradas, seu fluxo e a habilidade do motorista. No entanto, muito frequentemente, o automóvel assume uma importância material e simbólica excessiva; é o caso de dizer que ele tende a “assumir o controle”. A ânsia de alcançar velocidade sempre maior é uma das principais causas dos numerosos acidentes, muitas vezes fatais, ou que nos casos mais favoráveis produzem uma perda de tempo muito superior àquela que se tentava adquirir com excessiva rapidez. Em sentido mais profundo o carro torna-se símbolo de importância e de poder; não tanto um meio de locomoção quanto de afirmação da própria personalidade, uma afirmação que chega não raro à prepotência, à agressividade, à falta de consideração pelos direitos de integridade alheios.

De tudo isto o automóvel não tem nenhuma culpa! Podem morar no mesmo edifício duas pessoas que usam seus automóveis de formas radicalmente diferentes dos mencionados. Um é um médico que se serve dele para melhor exercer sua profissão humanitária e para distrações dominicais com a própria família; o outro, ao contrário, um esportista fanático, que adquire carros sempre mais velozes, e sem se dar conta da integridade própria e dos outros, para alcançar primazia, bater recordes.

Existem ainda “pecados” mais perdoáveis, mas também danosos, quanto ao uso do automóvel. Por exemplo, querer usa-lo a qualquer custo nos centros urbanos congestionados, quando seria mais rápido ir a pé e com as desvantagens de submeter-se a uma desgastante tensão nervosa e psíquica e de desaprender o uso das próprias pernas, tirar do corpo aquela quota de atividade muscular que é necessária para manter-se em boa saúde.

Outras máquinas podem ser usadas seja com causas e com fins elevadas, seja com objetivos baixos e também criminosos: por exemplo, um gravador de fita pode ser usado tanto para colher e conservar a voz de uma pessoa querida ou de um grande cantor, quanto para espionagem e chantagem.

Tudo isto demonstra que o problema não é o carro, mas o homem. Existem máquinas que na sua simplicidade utilitária não se prestam a abusos, como as honestas lavadoras que livram tantas mulheres da fadiga e perda de tempo desnecessário: existem aquelas que incrementam a atividade humana, como as maravilhosas máquinas eletrônicas; mas não é necessário exigir que elas deem aquilo que não podem dar, que substituam o homem onde não há uma possibilidade de fazê-lo, por exemplo, nas tentativas de tradução mecânica que dão resultados ridículos.

Norbert Wiener, um dos criadores da cibernética, fez a este respeito uma advertência muito significativa: “Ai de nós se deixarmos que a máquina decida e nos guie sem antes examinarmos as leis do seu agir e sem sabermos a fundo se os princípios da sua conduta são aceitáveis. A máquina não saberia em nenhum caso decidir a não ser com base nos elementos que nós virmos. Ela não terá intuição e não poderá amar”.

A isto se pode acrescentar que a máquina não tem, nem pode ter, sentido de responsabilidade nem vontade própria.

Examinemos agora como a vontade pode se servir das várias funções psíquicas, e como utilizá-las para os fins escolhidos. As maneiras são diferentes para as várias funções, em relação às características específicas de cada uma delas.

Começemos com o uso das sensações, das percepções sensoriais. À parte as limitações dos órgãos físicos do sentido, os quais permitem perceber só uma pequena parte das impressões, das vibrações que vêm do mundo externo, o nosso uso dos órgãos do sentido é habitualmente muito parcial e imperfeito. As cenas que se desenvolvem diante dos nossos olhos são por nós percebidas de modo confuso e incompleto; isto porque as percepções sensoriais, para tornarem-se verdadeiramente conscientes, para serem “percebidas”, devem vir ligadas entre si e permanecer no campo da consciência pelo tempo necessário para que possam ser assimiladas pelo eu consciente. Mas elas encontram geralmente o campo da consciência abarrotado de outros conteúdos psíquicos (imagens, emoções, pensamentos); além disso, elas provocam imediatamente reações emotivas, sejam positivas ou negativas, e estas perturbam e às vezes falseiam a percepção objetiva disto que está diante de nós.

Isto foi demonstrado pela psicologia do testemunho: muitos depoimentos de testemunhos de uma dada cena são incompletos e às vezes errados, e isto acontece mesmo quando o

depoimento é feito de boa fé sem nenhuma tentativa de alterar a verdade. É uma coisa grave, visto que pode ter sérias consequências, como a condenação de inocentes, como demonstram numerosos exemplos.

Por isso, quando é necessário um exame acurado, objetivo, uma observação precisa, a vontade deve intervir para dirigir, regular e usar do melhor modo a função sensorial. Para fazê-lo deve, de um lado, manter a consciência concentrada em receber e assimilar as mensagens advindas dos sentidos, do outro colocar à parte decididamente, pelo tempo necessário, todas as outras impressões sensoriais, emoções e atividades mentais que possam interferir. É necessário para isso um treinamento do poder de observação mediante uma série de exercícios de observação. Os melhores cientistas, principalmente os naturalistas, têm possuído e desenvolvido com o exercício este poder de observação promovido e sustentado pela vontade.

As formas nas quais a vontade pode utilizar emoções e sentimentos, como meios para conseguir os seus objetivos, são mais complexas; mas também a este respeito é necessário o uso da atenção e da concentração, e estas são funções específicas da vontade. As formas para utilizar as energias emotivas são diferentes segundo sua natureza delas e também segundo sua intensidade. Fundamentalmente trata-se de ligar, de associar, a energia das emoções com a meta a atingir, isto é dirigir a corrente das emoções e dos sentimentos até a meta preestabelecida. Muitas vezes isto requer uma transmutação ou sublimação das energias; isto é, a vontade pode dirigi-las e empregá-las para atividades voltadas para o futuro, para as metas úteis e superiores que tenham um poder de atração.

Tratei amplamente da transmutação e da sublimação das energias sexuais e combativas no livro Pela harmonia da vida, e depois em um opúsculo separado; aqui acrescentarei que pela transmutação e sublimação podem-se utilizar os estreitos laços de ação e reação recíproca entre emoções e sentimentos de um lado, e desejos e impulsos do outro. Cada emoção e sentimento penoso suscitam o desejo e o impulso para eliminar as causas, e inversamente os prazerosos, alegres impulsionam para favorecer tudo isto que os produziu. Esta é uma ação que a vontade pode desenvolver para orientar, dirigir e transmutar os desejos e os impulsos.

Tudo isto vale, porém, nos casos nos quais as emoções, os impulsos, os desejos, não tem intensidade excessiva, respondendo, portanto, mais ou menos rápida e facilmente à ação da vontade. Mas muitas vezes ocorre que sua intensidade seja tal que venha suscitar uma resistência passiva ou mesmo uma rebelião violenta contra a direção que a vontade procura dar a ela. Nestes casos a vontade deve usar outros métodos, visto que, se se opuser diretamente aos impulsos, desejos, emoções, frequentemente não é eficaz ou, se

chega a sê-lo através de uma atitude de imposição, suscita conflitos que podem ter consequências danosas.

A vontade deve antes “descarregar” a intensidade, a tensão excessiva das energias emotivas e propulsoras. Isto pode ser feito com as várias técnicas da vazão (catarse), da satisfação simbólica e até, dentro de certos limites, da satisfação, da saciedade real. Deste modo a vontade pode chegar a eliminar a oposição ou a reduzi-la a um grau de intensidade menor, de tal modo que as energias possam ser usadas como indicado anteriormente. Naturalmente não existe um instrumento, um “voltâmetro psíquico” que meça a intensidade das cargas emotivas e impulsivas, mas com a introspecção e a observação das manifestações espontâneas, podemos nos dar conta com alguma aproximação de sua intensidade.

É necessário também se dar conta da carga energética da própria vontade: uma vontade fraca tem dificuldade para dirigir emoções, também fracas ou de média intensidade, enquanto uma vontade forte pode fazê-lo com sucesso; e então é preciso dar-se conta de tal relação energética. Isto se aprende só através da experiência, mas uma experiência consciente e atenta e, ainda melhor, mediante exercícios e experimentos, que podem ser feitos usando os métodos da direção, transmutação e sublimação.

Existe uma outra função psíquica que tem estreitos laços com as até então mencionadas: a imaginação. Também aqui há relatos de ação e reação recíproca; emoções e desejos suscitam imagens que a eles correspondem e, por sua vez a imaginação suscita emoções, desejos, impulsos. Grande é o poder das imagens e pode-se dizer que elas são um tramite necessário entre a vontade e as outras funções psíquicas. As relações dinâmicas entre todas estas funções foram formuladas em algumas das leis, principalmente a III e IV entre as enumeradas na Aula sobre VONTADE SABIA (VIII DO CURSO DE 1963), na qual são também indicadas algumas das aplicações práticas que podem ser feitas.

A vontade pode gradativamente se tornar dona, até certo ponto, da imaginação; mas também para este caso utilizam-se exercícios e treinamentos sistemáticos. Os exercícios de visualização, de evocação de outras sensações, que temos feito e aconselhado a fazer nas nossas reuniões, são muito uteis, entre outros, também para este objetivo.

Vejamos agora como a vontade pode utilizar a mente ao dirigir a execução. Já nos estágios anteriores, a vontade usou a mente como órgão de pensamento, de reflexão, de previsão, e de apropriada programação; mas neste estágio, ou seja, aquele da direção da execução, a vontade pode e deve usar a mente, e pode fazê-lo das seguintes formas. Tomemos por exemplo um problema a resolver: a vontade se propôs a chegar à solução; a este objetivo ela dirige a atenção da mente sobre o problema de modo que o examine, reflita e formule hipóteses sobre possíveis soluções, hipóteses a serem postas à prova no experimento.

Outra função da mente, que pode e deveria ser dirigida pela vontade, é a correta interpretação das intuições, e isto nos leva a falar das relações entre vontade e intuição. Aqui parece evidente que a vontade não tem nenhum poder direto sobre a função intuitiva; esta escapa a toda ação volitiva que resultaria no efeito contrário; mas também aqui existe uma ação indireta muito útil que a vontade pode exercitar. Ela pode criar e manter desimpedido o “canal de comunicação” ao longo do qual incidem as impressões intuitivas: pode fazê-lo freando ou inibindo temporariamente a atividade perturbadora das outras funções psíquicas.

A vontade pode favorecer (favorecer, não coagir – repito) a atividade intuitiva também de outro modo: formulando perguntas voltadas para a esfera do supraconsciente, que é a sede da intuição. As perguntas devem ser colocadas de um modo claro e preciso; as respostas podem estar prontas, mas mais frequentemente vêm depois de algum tempo e quando menos se espera.

Temos visto até aqui como a vontade pode dirigir a execução das ações, seja servindo-se dos meios internos, isto é, das varias funções psíquicas, seja dos meios externos, como as máquinas; mas existe outro modo importante e muitas vezes necessário, pelo qual a vontade deve operar: é o dos meios humanos, ou seja das colaborações com outras pessoas. O correto uso da vontade ao fazer isto é tudo menos fácil, como o são por experiência, frequentemente desprazerosa, os que (pode-se dizer todos) devem por necessidade, recorrer à colaboração de outros!

Os problemas são diferentes, aliás, opostos, dependendo do tipo caracterológico de quem dirige, dependendo dos tipos de colaboradores, e também – em menor medida – dependendo da natureza das tarefas a seguir, dos programas a desenvolver. A vontade deve intervir sabiamente e moderar as pretensões e suavizar o comportamento de um dirigente autoritário e, inversamente, a saber, dar ordens com calma, firmeza e solicitar a execução.

A vontade tem ainda a tarefa de frear a impaciência e a irritação que muitas vezes se manifestam diante dos executores incapazes ou preguiçosos e deve também resistir ao impulso que surge em tais casos de fazer tudo por si. Isto deve ser combatido, mesmo se momentaneamente o fazer por si resulte mais rápido e menos trabalhoso que o vigiar a atividade e o corrigir os erros dos outros! Mas nestas situações o eu que quer deve ter bem presente o fim último e as varias partes do programa: ao fazê-lo se dá conta que a ajuda de outras pessoas é indispensável e que é bom prever a necessidade de serem substituídas, seja de modo temporário ou de modo duradouro. Por isso convém dedicar-se com calma e paciência, dando todo o tempo e energias necessários para instruir e treinar os colaboradores.

Até não muito tempo isto vinha sendo feito de modo empírico, não planejado nem organizado, mas agora a crescente complexidade e abertura de empresas de todo tipo, industriais, comerciais e culturais (como em uma grande Universidade ou diretamente na UNESCO) torna necessária uma ciência e uma arte da colaboração, individual e em grupo. De fato, esta é uma das matérias de ensino nos cursos para dirigentes empresariais que agora estão sendo difundidos.

A atitude certa para os colaboradores escreveu muito bem o eng. Giuseppe Basile, no seu ótimo livro A formação cultural dos quadros e dos dirigentes (Editions Gerard & C°. Verviers, Belgique), traduzido também em italiano (Milano, Pirola ed.). Basile colocou bem em evidencia que esta atitude correta para os colaboradores, pede uma ampla preparação cultural e também espiritual, por parte dos dirigentes, e os meios que indica e propõe para realiza-la são típicos da psicossíntese: equilíbrio; serenidade, adaptação, uso do irracional e da intuição, a meditação e em sentido geral espiritualidade.

Este reconhecimento por parte de um homem prático, voltado para a ação externa (e não é só ele) é muito significativo e estimulante e constitui um início daquilo que é necessário e urgente fazer para corrigir os excessos e frustrar os perigos do atual modo de viver, ou seja, dominar e dirigir objetivos construtivos, através dos enormes poderes conquistados pelo homem no uso das energias da natureza, mediante um correspondente e adequado desenvolvimento dos seus poderes psíquicos e espirituais – e principalmente da **vontade boa**.